

DIDÁTICA DA HISTÓRIA E TECNOLOGIAS DIGITAIS: as narrativas históricas no YouTube Edu

Oswaldo Rodrigues Junior*

RESUMO: Este artigo apresenta resultados de pesquisa que teve como objetivo analisar as narrativas históricas disponibilizadas na plataforma YouTube Edu. Criada em 2013 por iniciativa da Google, em parceria com a Fundação Lemann, a plataforma tem como objetivo reunir vídeos educacionais produzidos por professores. Partindo da concepção de Didática da História como campo de estudo das formas com que a consciência histórica se manifesta na sociedade, foram analisados vídeos dos canais Descomplica e Nerdologia. Os resultados permitem observar a multiplicidade de narrativas históricas presentes no YouTube e a sua relação com a finalidade dos canais analisados.

PALAVRAS-CHAVE: Didática da História; Ensino de História; Cultura Digital; YouTube.

History didactic and digital technologies: historical narratives on YouTube edu

ABSTRACT: This article presents research results that aimed to analyze the historical narratives made available on the YouTube Edu platform. Created in 2013 by initiative of Google, in partnership with the Lemann Foundation, the platform aims to bring together educational videos produced by teachers. Based on the concept of History Didactics as a field of study on the ways in which historical consciousness manifests itself in society, videos from the Descomplica and Nerdologia channels were analyzed. The results allow us to observe the plurality of historical narratives presented on YouTube and their relationship with the purpose of the analyzed channels.

KEYWORDS: History Didactics; History teaching; Digital Culture; YouTube.

Didáctica de la historia y tecnologías digitales: narrativas historicas en YouTube Edu

RESUMEN: Este artículo presenta los resultados de una investigación que tuvo como objetivo analizar las narrativas históricas digitales disponibles en la plataforma YouTube Edu. Creada en 2013 por iniciativa de Google, en asociación con la Fundación Lemann, la plataforma tiene como objetivo reunir videos educativos producidos por profesores. A partir de la comprensión de la Didáctica de la Historia como un campo de estudio ampliado de las formas en que la conciencia histórica aparece en la sociedad, se analizaron videos de los canales Descomplica y Nerdologia. Los resultados nos permiten observar la multiplicidad de narrativas históricas presentes en YouTube y su relación con la finalidad de los canales analizados.

PALABRAS CLAVE: Didáctica de la Historia; Enseñanza de la historia; Cultura digital; YouTube.

*Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Atualmente, é Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso. Contato: Instituto de Geografia, História e Documentação, Av. Fernando Corrêa da Costa, nº 2367, Bairro Boa Esperança, CEP: 78060-900, Cuiabá-MT, Brasil. E-mail: osvaldo.rjunior@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7418-9705>

A pesquisa Vídeo Viewers realizada em parceria pelo Instituto Provokers com a Box 1824 em 2018¹ indicou que nove, em cada dez brasileiros, utilizam o Youtube para estudar. 29,8% dos entrevistados indicaram que consomem vídeos com objetivo de adquirir conhecimento, sendo o YouTube a fonte privilegiada.

Criado em 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, ex-funcionários do PayPal e adquirido pela Google por 1,65 bilhão de dólares em 2006, o YouTube nasceu como uma plataforma de compartilhamento de vídeos. Com o sucesso e o crescimento no número de acessos, a plataforma se transformou em espaço privilegiado para a divulgação de conteúdos produzidos para internet.

Os YouTubers, produtores de conteúdo de vídeo para a plataforma, logo ganharam a companhia dos EduTubers², professores que produzem e disponibilizam conteúdos no YouTube. No Brasil, essa realidade deu origem a plataforma YouTube Edu. Criada em 2013 por iniciativa da Google, proprietária do YouTube, em parceria com a Fundação Lemann, a plataforma tem como objetivo reunir vídeos educacionais produzidos por professores brasileiros.

O objetivo do presente artigo foi analisar as narrativas históricas disponibilizadas na plataforma YouTube Edu. Partindo da compreensão de Didática da História enquanto campo ampliado de estudo das formas como a consciência histórica se manifesta na sociedade, foram analisados vídeos dos canais Descomplica e Nerdologia. Os canais foram escolhidos com base na métrica da própria plataforma, ou seja, no número inscritos.

O texto está dividido em três partes. Na primeira será apresentado o movimento da Didática da História originário da Alemanha Ocidental na década de 1970. Nele, procuramos reconhecer o caráter ampliado da Didática da História, enquanto campo preocupado com as formas assumidas pela consciência histórica na sociedade em geral.

A segunda parte será dedicada a pensar as implicações da cultura digital para a cultura histórica. A proposição trata de considerar a importância das narrativas históricas presentes no universo digital para a cultura histórica.

Na terceira parte foi feita a análise do vídeo “Era Vargas: resumo para o ENEM” publicado pelo canal Descomplica, e do vídeo “Oriente Médio” disponível no canal Nerdologia. Para isso, a teoria da consciência histórica e as tipologias de narrativa histórica propostas por Rüsen³ serviram como referencial teórico-metodológico.

A Didática da História e o estudo das formas não escolares de História

O debate sobre a Didática da História requer uma análise do contexto de seu desenvolvimento. Partindo dessa premissa inicial, consideramos fundamental a compreensão do processo histórico de desenvolvimento na Alemanha Ocidental na década de 1970.

Dentre os fatores que explicam este processo, estão as mudanças substantivas no paradigma da ciência histórica na República Federal da Alemanha nas décadas de 1960 e 1970. Conforme identificado por Rüsen⁴ houve uma mudança paradigmática na ciência histórica na Alemanha ocidental.

Kocka⁵ e Rüsen⁶ explicam essa mudança paradigmática da historiografia na Alemanha Ocidental a partir de um conjunto de fatores. Dentre estes fatores explicativos, a mudança de geração proporcionada pela ampliação do sistema universitário contribuiu decisivamente para o processo de transformação da História.

Sywottek citado por Saddi⁷ acrescenta a esses fatores, a crise de legitimidade da ciência histórica e do ensino de História, insuficientes para dar conta das carências de orientação temporal da sociedade alemã. Neste contexto, um “conflito de gerações se estabeleceu nos chamados anos dourados”⁸ colocando em xeque a história enquanto forma de conhecimento e disciplina.

Este contexto produziu uma crítica a ciência histórica na Alemanha Ocidental que deu origem a chamada “Ciência Social Histórica” ou Escola de Bielefeld. Sobre ela, Rüsen⁹ explica que:

As novas necessidades de orientação, produzidas pela já mencionada transformação cultural profunda na República Federal da Alemanha, receberam como correlato uma nova concepção de história, que não se interessava mais primordialmente pela potência criadora de cultura, inerente ao espírito humano e identificável no plano das ações individuais, mas pela incidência das condições estruturais da ação sobre o agir humano e por uma dimensão de transformações temporais do homem e do seu mundo, que precede e embasa o agir intencional como o seu fator determinante

Este movimento de mudança paradigmática da ciência histórica na Alemanha Ocidental, representado pela Ciência Social Histórica foi acompanhado de uma mudança paradigmática da Didática da História. Saddi¹⁰ explica esta relação a partir da compreensão da influência dos historiadores da Escola de Bielefeld nos principais autores da renovação da Didática da História na Alemanha.

Neste contexto, além da historiografia, o ensino de história na escola passou a ser questionado, conforme explica Rüsen¹¹,

[...] o ensino de história nas escolas foi submetido a uma crítica radical; durante algum tempo ele até correu perigo de ser substituído por um ensino não mais orientado de acordo com o saber histórico, mas de acordo com o saber das ciências sociais sistemáticas

Jeismann e Korsthorst¹² e Jeismann¹³ explicam que ela não apenas correu perigo, mas foi substituída por disciplinas relacionadas às Ciências Sociais e preocupadas com as relações entre política e sociedade em regiões como Hessen e Nordrhein-Westfalen.

No Brasil a disciplina escolar de História viveu uma crise justamente na década de 1970. Durante a Ditadura Militar, com a promulgação da Lei 5.692 de 1971, a disciplina escolar de História foi retirada do currículo da educação primária, dando lugar as disciplinas de Ciências Sociais e Educação Moral e Cívica. Essa crise do código disciplinar da História¹⁴ durou até o fim da Ditadura. A História só recuperou o seu lugar no currículo durante a redemocratização.

No entanto, mais recentemente a disciplina escolar de História sofreu mais um duro golpe, a aprovação da Lei 13.415 de 2017, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional afetando mais diretamente o Ensino Médio. Chamada de “Reforma do Ensino Médio”, a lei retirou a obrigatoriedade da História nesta etapa do ensino, e introduziu os “itinerários formativos”. Neste modelo, de acordo com os itinerários disponibilizados pela escola o discente fará a opção de qual irá cursar. Cabe destacar que os impactos da Reforma no ensino de História parecem indicar um novo contexto de crise¹⁵.

Dessa forma, destacamos o potencial reflexivo da Didática da História alemã para pensarmos a situação da disciplina escolar de História no Brasil. Nos parece fundamental neste processo de crise de legitimidade, retomarmos os pressupostos sugeridos pelo movimento alemão na direção de compreendermos a função da História para a vida prática. Com este intuito, a análise da forma como a História tem sido produzida nas mídias digitais nos parece fundamental para compreendermos o fenômeno da história como serviço¹⁶, e os seus impactos na consciência histórica da sociedade em geral.

Diante do panorama narrado anteriormente, desenvolveu-se uma renovação da Didática da História na Alemanha Ocidental. Participaram deste movimento um conjunto heterogêneo de autores com diferentes orientações políticas e conseqüentemente teóricas.

Mesmo considerando essa diversidade, tomamos a obra de Jörn Rüsen como fundamental para compreendermos este movimento. Em sua tese de doutorado, defendida na Universidade de Colônia em 1966, Rüsen promoveu uma releitura da obra do historiador oitocentista Johann Gustav Droysen. Esta releitura da teoria da História a partir do conceito

de *Historik*, enquanto reflexão teórica sobre a história, permitiu recuperar a função didática do conhecimento histórico.

De acordo com Assis¹⁷, a questão didática tem um papel central na teoria da ciência histórica desenvolvida por Droysen. Ao recusar a chamada “teoria exemplar da história”, sustentada na perspectiva da *historia magistra vitae*, de que a história serviria como um conjunto de exemplos que poderiam ser utilizadas de forma pragmática, Droysen configurou uma didática do pensamento do histórico. A categoria pensamento histórico, recuperada por Rüsen¹⁸, cumpre papel fundamental no movimento da Didática da História

Em artigo publicado em 1987 na revista *History and Theory* e traduzido para o português, Rüsen¹⁹ apresenta um panorama histórico da Didática da História na Alemanha. Nele, o autor sugere que houve uma perda de importância da história como orientação social da vida prática dentro da estrutura do tempo, durante o processo de configuração da ciência histórica na Alemanha no século 19.

Dessa forma, a Didática da História foi relegada ao treinamento de professores, e passou a ser considerada pragmática, sendo compreendida até a década de 1960 como “hermenêutica pedagógica”²⁰. Rüsen²¹ localiza a mudança paradigmática da Didática da História nos anos 1960 e 1970, momento de transformação da própria ciência histórica, que se aproxima das ciências sociais. Assim, a Didática da História passou a se preocupar com “as formas e funções do raciocínio e conhecimento histórico na vida cotidiana, prática”²²

No entanto, conforme sugere Saddi²³, a concepção de Didática da História não é unívoca neste movimento. Divididos em posições políticas que vão da esquerda à direita, os teóricos da Didática da História observam diferentes funções para a disciplina.

Essas diferenças também estão marcadas pela diversidade de objetos da disciplina. Bergmann²⁴ defendia que a Didática da História deveria se ocupar do “significado da História no contexto social” Em direção semelhante, Jeismann defendia que a Didática estudaria as formas de consciência histórica presentes na sociedade²⁵. Rüsen²⁶, por sua vez, define a Didática da História como “ciência do aprendizado histórico”. Contudo, o aprendizado histórico não é delimitado apenas pela esfera escolar, mas também pela relação da ciência histórica com a esfera pública²⁷.

Buscando uma ampla compreensão do movimento da Didática da História alemão, faz-se necessário destacarmos o contexto de reunificação. A perspectiva descrita até este momento está localizada na República Federal da Alemanha. No entanto, no mesmo contexto existiam outras perspectivas em discussão na República Democrática da Alemanha.

Sobre este contexto, Staher e Jung²⁸ destacam que a reunificação levou a compreensão de que a história da RDA poderia desaparecer. Essa percepção foi reforçada pela tentativa da República Federal da Alemanha de homogeneizar as concepções de história diluídas no discurso de defesa da democracia liberal.

Participaram deste contexto ativamente os metódicos da história, responsáveis pela reflexão sobre a ciência histórica e o ensino na parte oriental e os didatas da história do lado ocidental. Nos processos de embate e tensão foi se constituindo um consenso em torno da Didática da História ocidental.

Este consenso está relacionado à adoção do conceito de consciência histórica, enquanto categoria central da Didática da História. Considerado relativamente indeterminado, este conceito permitiu a redução do impacto da categoria identidade nacional, responsável pelos principais embates e tensões durante os processos de reunificação.

Assim, este processo resultou na compressão de que “[...] la didáctica de la historia debe integrar la función, la morfología, la génesis, así como la construcción y la remodelación de las conciencias históricas que se puedan encontrar en la sociedad”²⁹.

Contudo, o movimento da Didática da História alemã ocidental não ficou restrito aquele país. De acordo com Cerri³⁰, a Didática da História alemã provocou uma mudança paradigmática na Didática da História no Brasil. Essa mudança contribui para a ampliação do campo e dos objetos da disciplina.

Sobre o objeto da Didática da História, Cerri³¹ defende que a disciplina se ocupe do “meio em que o aluno e o professor vivem, os conhecimentos e opiniões que circulam em suas famílias, na igreja ou outras instituições que frequentam e nos meios de comunicação de massa aos quais têm acesso”. Cardoso³² em direção mais externa a disciplina escolar, entende que a Didática da História deve se ocupar do estudo de “todas as elaborações da História sem forma científica”

Partindo da concepção de Jeismann de que a Didática da História se ocupa da morfologia, gênese e função da consciência histórica, Saddi³³ propõe uma ampliação do escopo de investigação da disciplina. Em sua interpretação, a investigação em Didática da História está dividida em três áreas: 1) didática do ensino de história, 2) didática da história pública, 3) didática da ciência histórica. Neste artigo, particularmente, interessa a proposta de uma didática da história pública, entendida como aquela preocupada com os “meios públicos de produção do passado”³⁴

Ao considerar o Youtube Edu enquanto um meio de divulgação da produção sobre o passado, entendemos que,

Compreender o modo como os diferentes meios, linguagens e atores produzem uma interpretação do passado que orienta o presente e projeta futuros significa reconhecer que essas narrativas interferem diretamente no ensino escolar da história, uma vez que alunos e professores aprendem história não somente com referência à disciplina escolar ou acadêmica da história³⁵

Nesta direção, compreendemos a plataforma enquanto um espaço privilegiado para a compreensão da consciência histórica e das suas implicações para o ensino escolar de história. Para isso, é fundamental compreender as relações possíveis entre a cultura histórica e a cultura digital.

As implicações da cultura digital para a cultura histórica

Conforme explicam Staher e Jung³⁶ o debate germano ocidental da Didática da História é profundamente marcado pelo conceito de consciência histórica enquanto categoria privilegiada. No entanto, em sua continuidade, a categoria cultura histórica também foi introduzida no debate.

Sobre isso, os autores explicam que,

Con esta categoria se pretende englobar conjuntamente el ámbito ampliado antes mencionado de la didáctica de la historia y debe ser relacionada con la conciencia histórica democrática. En este contexto, sin embargo, sus dimensiones parecen otra cosa. La conciencia histórica, que según Rüsen debe permitir realizar reflexión en el tiempo, produce estos rendimientos en las dimensiones de estético, político y cognitivo. Estas son dimensiones antropológicas y por tanto no son ocultables³⁷

Na leitura destes autores, a imprecisão do conceito de consciência histórica exigiu novas categorias que pudessem, de forma relacionada com a consciência histórica, dar conta da complexidade dos objetos da Didática da História. Neste contexto, emerge como categoria fundamental a cultura histórica.

Na formulação de Rüsen³⁸, a cultura histórica tem como objeto a memória histórica no espaço público. Essa memória está intimamente ligada com a expansão da história e o interesse crescente do público externo pela historiografia. Também está relacionada aos impactos dos usos políticos da história, abrangendo a ciência acadêmica, as artes, os embates políticos pelo poder, a educação escolar e não-escolar e os diferentes procedimentos de elaboração da “memória histórica pública”.

De acordo com Rüsen³⁹, a rememoração histórica entendida como a forma como o passado é interpretado no presente, constituída enquanto produto cultural é uma característica imprescindível da cultura histórica

O conceito de cultura histórica permite ampliar o escopo da Didática da História entendida como disciplina responsável pelo estudo da consciência histórica na sociedade. Dessa forma, assume uma dimensão de compreensão das elaborações dos passados na esfera pública.

Considerando que essas elaborações compõem um espaço múltiplo de oposições, tensões e perspectivas, Rüsen⁴⁰ defende que a ciência da história deve se manifestar neste ambiente. Observa ainda que a existência de diferentes narrativas sobre o passado na esfera pública não significa que todas elas são equivalentes, mas que a ciência histórica tem uma função cultural de orientação.

Essa função cultural é colocada à prova pelos novos meios de comunicação, que:

[...] constituem um desafio especial para a ciência da história, enquanto constituição histórica de sentido em forma cognitiva. Em nossos dias, a humanidade vivencia e opera uma mutação comparável apenas a transição da oralidade à escrita. Essa mutação transforma a prevalência da escrita (que sustenta plenamente o trabalho da ciência da história e determina a sua lógica) em uma prevalência dos novos meios. Obviamente, a escrita não desaparece com isso, mas tem de renovar seu modo de expressar o sentido instituído e de o simbolizar – ela permanece relacionada às novas formas de articulação e práticas da significância imaginativa e dependentes delas. Nesse processo devem surgir novas regras de cognição e estética. Nos novos meios, a cultura histórica fica marcada pela simultaneidade abrangente de todos os que são historicamente diferentes. Ela se caracteriza assim pela imediatez esmagadora da percepção sensível, pelo excesso e pelo fluxo impressionante de informações, sem sentido que as ordene cognitivamente ou que as diferencie temporalmente. No longo prazo, isso deverá ter consequências notáveis sobre o que entender por história e sobre como fazer valer a compreensão da história como orientadora cultural⁴¹

Mesmo sem fazer referência direta aos meios digitais, Rüsen⁴² avança na compreensão de que os novos meios de comunicação, de forma ampla, deverão promover alterações sensíveis nas formas de compreensão da história enquanto orientadora da vida. Neste sentido, o imediatismo altera a percepção inundada por informações, o que acaba por ocasionar uma perda de sentido cognitivo e temporal.

Essas alterações foram intensificadas com o advento da cultura digital. De acordo com Manuel Castells⁴³ as formas culturais se diferenciam em decorrência das tecnologias da comunicação. Assim, a cultura digital pode ser caracterizada pela “microelectrónica

digitalizada, transmitida y construida a través de las telecomunicaciones, redes informáticas y bases de datos”⁴⁴

Em direção aproximada, Santaella⁴⁵ sugere a existência de seis formações culturais: cultura oral, cultura escrita, cultura impressa, cultura de massas, cultura das mídias e a cultura digital. Na perspectiva desta autora, essas formas culturais se diferenciam não só pelos aspectos materiais, ou seja, pela infraestrutura de tecnologias da comunicação, mas também pelos,

[...] tipos de signos que circulam nesses meios, os tipos de mensagens e processos de comunicação que neles se engendram os verdadeiros responsáveis não só por moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também por propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais⁴⁶

Dessa forma, Santaella⁴⁷ entende a cultura digital como aquela caracterizada pela “convergência das mídias” e relacionada ao paradigma informacional. Esse paradigma é marcado pela replicabilidade possibilitada pela passagem da posse para o acesso. Por este motivo, a cultura digital pode também ser considerada a “cultura do acesso”.

Luis Mauro Sá Martino⁴⁸ permite problematizar ainda mais o aspecto material da tecnologia da comunicação que sustenta a cultura digital. Na perspectiva deste autor, o elemento central dessa forma cultural são os dados, que transformados em números e dígitos – dessa natureza advém o digital – podem ser processados e interpretados pelas máquinas. Dessa forma, a cultura digital acaba por transformar a relação entre ciência, tecnologia e sociedade.

Partindo do conceito de cultura histórica de Rüsen⁴⁹ considera-se que a cultura digital ao mesmo tempo em que ampliou as formas de acesso à memória e a história, implicou em uma quebra da autoridade do historiador. Assim, a relação historiador/historiografia/público foi alterada drasticamente pelas mídias digitais⁵⁰.

Dentre as mudanças, Malerba⁵¹ destaca a expansão dos “diletantes amadores” e “escritores leigos de história”, que passam a ocupar os espaços “virtuais” de produção e divulgação de interpretações sobre o passado. Esse fenômeno, pode ser explicado pela ampliação da audiência ocasionada pelo advento da internet.

Carvalho⁵² defende que a autoridade do historiador não desapareceu, mas tem enfrentado os desafios da ampliação dos discursos sobre o passado. Localizando a profusão desses discursos na década de 2000, período de popularização da internet, este autor observa que a autoridade no universo digital opera com pressupostos distintos daqueles que marcaram

o paradigma analógico. No digital, a autoridade está relacionada ao alcance de amplas audiências e ao domínio das novas linguagens digitais.

Dessa forma, compreende-se que a cultura digital trouxe implicações significativas para a cultura histórica, provocando um alargamento da memória histórica na esfera pública. Espaço privilegiado para a produção e difusão de discursos sobre o passado, o YouTube é uma das plataformas que representam essa mudança tecnológica e comunicacional.

As narrativas históricas no YouTube Edu

Your Digital Video Repository! Com este slogan, “Seu repositório de vídeos digitais”, o YouTube foi criado para ser mais uma plataforma de compartilhamento de vídeos. Com uma interface simples e direta, o objetivo era permitir que o usuário fizesse *upload*, publicasse e assistisse vídeos em *streaming*.

Passados dezesseis anos de sua criação, o YouTube ocupa hoje o lugar de maior plataforma de compartilhamento de vídeos, e de segundo site mais acessado do mundo, ficando atrás apenas do Google, segundo o ranking Alexa⁵³.

Composto por diversos canais de produção e compartilhamento de vídeos, o YouTube se caracteriza como uma “comunidade de práticas” sustentada por um “mercado de atenção”⁵⁴. Isso significa dizer, que a plataforma opera a partir de uma lógica da economia de atenção, que está relacionada ao engajamento e a monetização.

Broadcast Yourself! (“Transmitir-se”), é o slogan atual da plataforma, marcado pela concepção sobre a possibilidade de qualquer pessoa produzir e compartilhar vídeos. Dessa forma, o YouTube produziu uma nova categoria de produtores de conteúdo, os YouTubers, caracterizados pela produção, divulgação e participação periódica na plataforma. A maioria deles se dedica ao entretenimento alcançando amplas audiências.

No entanto, nem só de entretenimento vive a plataforma. Com a popularização, diversos professores passaram a produzir conteúdo para a plataforma. O fenômeno dos chamados Edutubers, professores que se dedicam a produzir e publicar conteúdos no YouTube, contribuiu para a ampliação do escopo de atuação da plataforma.

Um dos resultados desse processo de ampliação foi a criação da plataforma YouTube Edu. Fruto de uma parceria entre a Google, proprietária do YouTube e a Fundação Lemann, o YouTube Edu nasceu para ser uma plataforma destinada a professores, estudantes e escolas. Os vídeos hospedados na plataforma passam por uma curadoria de uma equipe de

professores que avaliam o conteúdo divulgado. A metodologia não é avaliada, ficando a critério do usuário buscar as aulas que mais lhe interesse.

Inicialmente a plataforma contava com vinte e seis canais e oito mil vídeos disponíveis voltados para as disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Química, Física e Biologia. Atualmente, a plataforma conta com noventa e seis canais dedicados aos conteúdos das disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências (Química, Física e Biologia), História, Geografia, Língua Espanhola e Língua Inglesa. No momento de escrita deste artigo, a plataforma tem quatrocentos e setenta mil inscritos e mais de vinte de cinco milhões de visualizações.

Inicialmente procurou-se identificar os canais dedicados a divulgação de conteúdos históricos no Youtube Edu:

Tabela 1: Canais do YouTube Edu que produzem conteúdos de História

CANAL	DATA DE INSCRIÇÃO	INSCRITOS
Descomplica	6 de mar. de 2009	3,57 milhões
Nerdologia	15 de ago. de 2010	3,15 milhões
Me Salva	13 de set. de 2010	2,06 milhões
Aula De	19 de ago. de 2013	1,58 milhões
ProEnem	8 de abr. de 2014	1,27 milhões
Aula Livre	9 de set. de 2011	1,13 milhões
Stoodi	17 de mai. de 2013	1,3 milhões
Poliedro Educação	26 de nov. de 2008	257 mil
TV Oficina	28 de out. de 2008	211 mil
Novo Telecurso	4 de set. de 2012	206 mil
História Online	11 de jul. de 2006	177 mil
HistoriAção	24 de set. de 2007	115 mil
Prof. Charles Camilo	24 de mai. de 2013	18 mil

Fonte: pesquisa do autor (2021)

Antes da análise dos dados coletados, cabem duas explicações iniciais. A primeira diz respeito a data de inscrição dos canais. Observa-se que muitos deles são anteriores a

criação da plataforma YouTube Edu. Isso significa que os canais já existiam anteriormente a criação da plataforma. Outro dado trata do número de inscritos, muitas vezes superior ao da plataforma. Isso significa que o canal e os seus vídeos podem acessados sem a necessidade do acesso direto pela plataforma YouTube Edu.

Foram identificados treze canais que produzem e divulgam conteúdos específicos de História. A coleta de dados foi feita utilizando inicialmente a exploração de todos os noventa e seis canais da plataforma. Muitos deles indicam na aba “Sobre” as disciplinas às quais se dedicam. Mesmo assim, foram utilizadas também as abas “Playlists” e “Vídeos” para identificar a existência ou não de conteúdos de História. O canal Nova Escola foi retirado da amostra, pois apesar de produzir conteúdos dedicados à disciplina de História, esses conteúdos se diferenciam por estarem dirigidos aos professores e discutirem preferencialmente as metodologias do ensino.

Destacam-se sete canais que possuem mais de um milhão de inscritos, número expressivo e maior inclusive do que os da própria Plataforma YouTube Edu. Considerando o YouTube enquanto um espaço de configuração de um mercado de atenção, selecionamos os dois canais com o maior número de inscritos: Descomplica e Nerdologia.

O canal Descomplica foi criado por Marco Fisbhen, professor de Física, com o objetivo de produzir conteúdos para divulgação no YouTube. Professor de cursinhos pré-vestibulares durante 12 anos, Marco acabou transformando o canal em uma startup⁵⁵. Atualmente o Descomplica conta com cursos de graduação, pós-graduação e livres divulgados em seu portal, além do canal no YouTube.

O canal Descomplica conta com um conjunto de playlists. Dentre elas, destacamos o quadro “Paródia”, que apresenta clipes musicais sobre temas das diferentes disciplinas escolares; e o quadro “Quer que desenhe?”, que apresenta de forma esquemática conteúdos escolares resumidos.

A história do canal Nerdologia remonta ao ano de 2002, quando dois amigos, Deive Passos e Alexandre Otoni criaram um blog para tratar do lançamento de Star Wars Episódio II – O Ataque dos Clones. A experiência do blog deu origem ao site Jovem Nerd. Derivado do site nasceu o canal Nerdologia apresentado por Filipe Figueiredo, historiador e Átila Iamarino, biólogo.

O Nerdologia está organizado em um conjunto de playlists diversas. Interessa para este artigo especificamente a playlist História, que conta com duzentos e vinte vídeos

dedicados aos conteúdos de História. O quadro é apresentado pelo historiador Filipe Figueiredo.

Apresentados os canais passamos a mapear os vídeos mais visualizados que tratam de conteúdos de História:

Tabela 2: Vídeos de História mais visualizados

VÍDEO	CANAL	VISUALIZAÇÕES
Paródia Bella Ciao – Revolução Industrial	Descomplica	1.959.454
Era Vargas: resumo para o ENEM	Descomplica	1.731.552
Oriente Médio	Nerdologia	1.616.402
Como construíram as pirâmides?	Nerdologia	1.594.646
Revolução Industrial: resumo para vestibular	Descomplica	1.562.964
A Peste Negra	Nerdologia	1.462.924

Fonte: pesquisa do autor (2021)

Na coleta de dados elencamos os três vídeos mais visualizados de cada um dos canais. Os vídeos foram organizados de acordo com o maior número de visualizações. O vídeo mais visualizado foi a paródia da música italiana “Bella Ciao” que trata do conteúdo Revolução Industrial do canal Descomplica. Em segundo, o vídeo “Era Vargas: resumo para o ENEM” também do Descomplica. Na sequência os vídeos “Oriente Médio” e “Como construíram as pirâmides” do canal Nerdologia. Por fim, os vídeos “Revolução Industrial: resumo para vestibular” do Descomplica e “A peste negra” do canal Nerdologia.

A análise inicial dos dados permitiu inferir duas questões. A primeira trata da ampla audiência atingida pelos dois canais, tendo vista o número de visualizações obtido. A segunda permitiu uma categorização dos vídeos elencados em dois tipos: paródia e videoaulas. Na paródia destaca-se o humor e a sonoridade como elementos fundamentais. As videoaulas, por sua vez, apresentam como característica o objetivo de divulgar conteúdos de forma mais “científica” ou “escolar”. Optou-se pelos conteúdos de tipo “videoaula” justamente pela sua natureza relacionada à disciplina escolar de História.

O vídeo “Era Vargas: resumo para o Enem” foi publicado no dia 21 de junho de 2018. Até o momento da escrita deste artigo o vídeo foi visualizado por mais de um milhão e setecentos mil usuários, recebeu cento e trinta e um mil likes e um mil dislikes. Além disso, o vídeo recebeu mil quatrocentos e treze comentários.

Com duração de oito minutos e trinta e quatro segundos, o vídeo faz parte da playlist “Quer que desenhe?”. Os vídeos desta playlist tem um formato base, que simula um cartaz em que são escritos, desenhados e sinalizados textos, tópicos, imagens e palavras. Além disso, o conteúdo é narrado com a contribuição de efeitos sonoros em determinados momentos da explicação. Os vídeos ainda acompanham os mapas mentais que são disponibilizados para download pelo estudante.

Imagem 1 – Mapa mental do vídeo “Era Vargas: resumo para o ENEM”



Fonte: Descomplica

O narrador utiliza o comentário de uma usuária, curtido por mais de trezentos espectadores, como justificativa para a escolha da temática Era Vargas. O conteúdo do vídeo é dividido em três momentos: 1) governo provisório; 2) governo constitucional; 3) Estado Novo. Em cada um dos momentos são destacadas as características políticas, econômicas, sociais e culturais. Os períodos são apresentados como uma sucessão de fatos e eventos concatenados as datas e nomes de personagens históricos.

A história, de acordo com Rüsen⁵⁶ possui uma natureza narrativística, ou seja, ela se expressa majoritariamente enquanto narrativa. Dessa forma, a consciência histórica enquanto orientação temporal se expressa na forma narrativa.

Partindo dessa teorização, Rüsen⁵⁷ sugere uma tipologia geral da narrativa histórica dividida em: tradicional, exemplar, crítica e genética. Na tradicional, as tradições são utilizadas como fundamento da vida humana no tempo. A narrativa de tipo exemplar se

sustenta na perspectiva da história mestra da vida, se utilizando de exemplos para a orientação temporal. A narrativa de tipo crítica rejeita a tradição produzindo “anti-histórias”, que demarcam as diferenças entre passado e presente. Por fim, a narrativa de tipo genética supera a negação construindo uma relação entre passado, presente e futuro.

No caso do vídeo “Era Vargas: resumo para o ENEM” observa-se que a narrativa se configura como tradicional ao assumir a tradição como fundamento da constituição de sentido no tempo. Logo na abertura do vídeo observamos essa orientação:

A primeira coisa que precisamos saber sobre a Era Vargas é que ela foi dividida em três períodos. O primeiro é chamado de Governo Provisório, que começa em 1930 e vai até 1934. O segundo é o Governo Constitucional, de 1934 a 1937. E por último, temos o Estado Novo, começando em 1937 e terminando em 1945, durando quase 10 anos. Parece muita coisa, mas calma que vamos ver essas fases uma de cada vez e aí você vai ver como é fácil entender tudo⁵⁸

Nesta passagem, o narrador distingue os três períodos da chamada Era Vargas localizando-as temporalmente, sem, no entanto, problematizar ou criticar essa marcação temporal. Dessa forma, a narrativa recupera a experiência do passado enquanto “constituente dos sistemas de vida do presente”⁵⁹.

Ao explicar o período denominado “governo constitucional”, o narrador indica que:

A oposição ao Vargas se concentrou em São Paulo, onde as oligarquias locais convocaram o restante da população paulista para irem às ruas, exigindo uma assembleia constituinte. Isso tudo aconteceu bem no início do governo, lá em 1932, e ficou marcado como A Revolução Constitucionalista Paulista. Mesmo Vargas tendo reprimido fortemente esse conflito, ele promulga uma Constituição em 1934 e dá início à segunda fase desse período de poder. Agora, com uma nova Constituição, temos aí o Governo Constitucional da Era Vargas, como o próprio nome diz⁶⁰

Novamente o sentido é estabelecido pelo conjunto de eventos narrados, que permitem inclusive explicar a nomenclatura utilizada. Não há nenhum tipo de questionamento ou interpretação da experiência do passado. O passado é mobilizado como um continuum, sem diferenças claras com o presente.

Ao considerar os eventos que levaram ao golpe de 1937, que instaurou a ditadura do Estado Novo, o narrador novamente lança mão de um conjunto de fatos políticos como a criação da Ação Integralista Brasileira (AIB) e da Aliança Nacional Libertadora (ANL). Mais uma vez é buscada uma “genealogia” do período, explicada pelos eventos políticos, característica da narrativa de tipo tradicional.

O vídeo “Oriente Médio” do canal Nerdologia foi publicado no dia 19 de julho de 2016. Até o momento de escrita deste artigo, o vídeo foi visualizado por mais de um milhão e seiscentos mil usuários. Recebeu cento e nove mil likes e oitocentos e cinco dislikes. Além disso, acumulou mais de quatro mil e seiscentos comentários.

A duração do vídeo é de quatorze minutos e trinta e dois segundos. Parte da playlist História, o vídeo apresenta o conteúdo utilizando um quadro escolar simulado, em que são apresentados textos escritos, imagens e vídeos. Dessa forma, os vídeos do canal Nerdologia lançam mão de um conjunto de linguagens distintas daquelas utilizadas na sessão “Quer que desenhe?” do canal Descomplica.

A abertura do vídeo é a mesma para todos os conteúdos produzidos e divulgados no canal. Na sequência é apresentado o responsável pelo conteúdo, Filipe Figueiredo, historiador, podcaster, youtuber e professor. A apresentação já demonstra uma diferença fundamental entre o vídeo do canal Nerdologia e o do Descomplica, analisado anteriormente: a autoria. O canal Nerdologia toma como elemento central a autoria, enquanto o Descomplica não indica informações sobre o produtor do conteúdo ou mesmo narrador.

Logo no início, Figueiredo narra um conjunto de acontecimentos do mundo contemporâneo que estão relacionados ao Oriente Médio:

Hoje vamos ver um pouco melhor sobre o Oriente Médio e quem é quem na região. Muitos eventos do mundo contemporâneo remetem o Oriente Médio sua situação política atual crise de refugiados pelo mundo é talvez o exemplo mais visível disso. A 'primavera árabe' a guerra civil na Síria e o Estado Islâmico são outros⁶¹

Dessa forma, o autor abre o vídeo fazendo menção a exemplos do presente que encontram explicação em eventos do passado. Adotando uma perspectiva de que as tradições do passado não estão encerradas em si mesmas, o vídeo constrói um sentido exemplar, considerando os eventos do mundo contemporâneo como ponto de partida.

Além da perspectiva exemplar, a narrativa histórica produzida pelo canal Nerdologia avança questionando e problematizando o passado. Ao explicar o conceito de Oriente Médio, Filipe Figueiredo narra que, “[...] esse é um conceito importante para aprendermos. O termo Oriente Médio e seu significado é uma invenção recente, começou a ser utilizada no início do século XX. O termo é algumas vezes criticado por ser Eurocêntrico, afinal é um oriente no meio entre a Europa e o extremo oriente”⁶²

Nessa passagem identificamos uma postura crítica do narrador, que ao fazer uso do conceito Oriente Médio observa o seu contexto de criação, bem como a sua origem de criação, o Ocidente. Dessa forma, o autor problematiza a tradição refutando a naturalização do conhecimento do passado.

Em outra passagem, ao explicar as diferenças entre sunitas e xiitas, identificamos novamente a crítica como marca do sentido construído pela narrativa,

[...] a prática xiita também possui diversas subdivisões em interpretações. No Brasil existe uma interpretação de xiitas que significa radical, não precisamos nem estar falando de Oriente Médio, você pode ser chamado de fãs xiitas de jornada nas estrelas, e isso acontece apenas aqui. Especula-se que por causa da revolução iraniana que foi xiita, mas qualquer interpretação de alguma religião ou do islã pode ser radical, não faz muito sentido essa associação exclusivamente com os xiitas⁶³

Neste caso, Figueiredo explica que o significado de xiita como radical, adotado muitas vezes no Brasil, é incorreto. O narrador indica que uma provável explicação para esse uso está situada na Revolução Iraniana, que foi levada a cabo pelos xiitas. No entanto, acaba por refutar o argumento indicando que qualquer interpretação religiosa pode ser radical.

Novamente identificamos “a experiência temporal perante o tribunal da mente”⁶⁴ Dessa forma, Figueiredo imprime um tom problematizador a sua narrativa, o que favorece a compreensão da multiperspectividade do conhecimento histórico sobre o Oriente Médio.

Outro elemento de destaque no vídeo analisado do canal Nerdologia são as fontes, indicadas na descrição do vídeo. Dentre elas, identificamos obras como *Uma História dos povos árabes*, de Albert Hourani e *Orientalismo*, de Edward Said. Abaixo das obras aparecem ainda outras indicações de vídeos, filmes e portais sobre o tema.

Dessa forma, foram identificadas nos dois vídeos analisados diferentes tipologias de narrativas históricas, marcadamente as formas, tradicional e crítica. No caso do vídeo “Era Vargas – resumo para o ENEM” do canal Descomplica foi observada majoritariamente a forma de construção de sentido tradicional. Enquanto no vídeo do canal Nerdologia predominou o tipo crítico de narrativa histórica.

Como hipótese infere-se que tal diferença está relacionada aos objetivos de cada um dos canais. Enquanto o canal Descomplica está destinado a conteúdos para o Enem, vestibulares e concursos, o canal Nerdologia pode ser considerado um veículo de divulgação

científica “independente”, caracterizado por “conteúdos produzidos e mantidos por profissionais que se dedicam em comunicar ciência para o público, não estando atrelada a nenhuma instituição”⁶⁵

Isso permite identificar que os canais cumprem diferentes funções na cultura histórica contribuindo para o desenvolvimento de formas de consciência histórica diversas.

Considerações finais

A Didática da História conforme entendida neste texto é uma subdisciplina da ciência histórica que tem como objetivo estudar as formas como a consciência histórica se expressa na sociedade. Essa definição está relacionada à Didática da História originária da Alemanha Ocidental na década de 1970.

Naquele contexto, a mudança geracional na Universidade possibilitou uma crítica a historiografia e ao ensino de história escolar. Em meio a essa crise de legitimidade, intelectuais vinculados à chamada “Escola de Bielefeld” ou “Ciência Social Histórica” promoveram uma mudança paradigmática na ciência histórica, que deu a Didática da História uma função mais reflexiva.

Dessa forma, no contexto de reunificação da Alemanha na década de 1990, a Didática da História ocidental foi assumida como posição nacional sustentada pela categoria de consciência histórica. Entendida como um processo de orientação temporal envolvendo presente, passado e futuro, a consciência histórica permitiu alargar as fronteiras da Didática da História avançando sobre as formas de relação com o passado manifestadas na sociedade em geral.

Tal processo de alargamento só foi possível pela contribuição de outro conceito fundamental: a cultura histórica. Entendida como espaço da memória histórica pública, a cultura histórica leva em consideração o conhecimento acadêmico, mas também as suas formas artísticas, escolares e não escolares.

Essa cultura sofreu os impactos do advento da cultura digital, que provocou mudanças nas formas de comunicação e compreensão da informação e do conhecimento. No contexto da cultura digital, o YouTube, plataforma de publicação, compartilhamento e consumo de vídeos se configurou enquanto espaço privilegiado de divulgação de conteúdos. Pensada inicialmente como um repositório, a plataforma ganhou dimensões talvez inimagináveis quando da sua criação. Dessa forma, se transformou na maior

plataforma de compartilhamento de vídeos da internet ultrapassando o entretenimento e atingindo diretamente a educação.

Dentre os canais da plataforma, passaram a se destacar aqueles com finalidade educacional criados por professores. Os chamados Edutubers conquistaram tanto espaço na versão brasileira da plataforma, que motivaram a criação do YouTube Edu, dedicado exclusivamente aos vídeos com conteúdo educativo. Cabe destacar a necessidade de investir esforços na compreensão da relação entre o neoliberalismo, a precarização do trabalho docente e a plataformização do ensino como uma possibilidade de compreensão desse fenômeno.

A História, enquanto disciplina escolar, está representada por um conjunto de canais disponíveis na plataforma. Dentre eles, os mais visualizados são os canais Descomplica e Nerdologia. A análise dos vídeos de História mais visualizados de cada uma das plataformas permitiu identificar a multiplicidade de narrativas históricas disponíveis no YouTube Edu.

Criado como um canal com o objetivo de produzir conteúdos educacionais, o Descomplica cresceu exponencialmente se transformando em um canal e portal que oferta cursos livres, mas também cursos de graduação e pós-graduação. Com esse objetivo, a seção “Quer que desenhe?” disponível no canal, disponibiliza vídeo-aulas marcadas pela exposição do conteúdo de forma esquemática e direta.

Tomando como pressuposto teórico-metodológico a teoria da consciência histórica de Rüsen⁶⁶ foi analisado o vídeo “Era Vargas: resumo para o ENEM”. O vídeo apresenta um enredo sustentado na narração de fatos, datas, eventos e personagens. Dessa forma, o passado é apresentado enquanto *continuum* no sentido tradicional.

Mesmo sem o objetivo de se constituir em um canal de divulgação científica tradicional, o Nerdologia acaba por se identificar como um canal independente de divulgação de conhecimentos científicos. Analisando o vídeo “Oriente Médio” foi identificado esse cuidado desde a apresentação do autor até as referências disponíveis na descrição do vídeo.

Ainda, de acordo com a teoria da consciência histórica de Rüsen⁶⁷, o vídeo apresenta uma narrativa histórica crítica ao problematizar o passado propondo interpretações sobre os conteúdos históricos apresentados.

Assim, infere-se que a narrativa histórica do canal Descomplica, analisada neste artigo, contribui para o desenvolvimento de uma consciência histórica tradicional.

Enquanto aquela produzida e divulgada no canal Nerdologia avança na direção de uma consciência crítica.

A análise permite ainda compreender a amplitude das formas de consciência histórica expressas nas plataformas em virtude da cultura digital, e indica a necessidade de investigarmos os seus impactos na cultura escolar.

Notas

¹ Pesquisa Video Viewers: como os brasileiros estão consumindo vídeos em 2018. Disponível em: <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/estrategias-de-marketing/video/pesquisa-video-viewers-como-os-brasileiros-estao-consumindo-videos-em-2018/> Acesso em 1 de jun. de 2021.

² Sobre o fenômeno dos Edutubers ver “Conheça os edutubers, os professores que fazem sucesso no Youtube”. Disponível em: <https://6minutos.uol.com.br/cultura-e-viagem/professores-youtubers-atraem-milhoes/> Acesso em 5 de jun. de 2021.

³ RÜSEN, Jörn. Narrativa histórica: fundamentos, tipos, razão. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (orgs.). *Jörn Rüsen e o ensino de História*. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2010, p. 93–108.

⁴ RÜSEN, Jörn. Reflexão sobre os fundamentos e mudança de paradigma na ciência histórica alemã-ocidental. In: NEVES, Abilio Afonso Batea.; GERTZ, René E. (Eds.). *Nova historiografia alemã*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Instituto Goethe, 1987, p. 14–40.

⁵ KOCKA, Jürgen. Tendências e controvérsias recentes na ciência histórica da República Federal Alemã. In: NEVES, Abilio Afonso Batea.; GERTZ, René E. (Eds.). *Nova historiografia alemã*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Instituto Goethe, 1987, p. 41–55.

⁶ RÜSEN, Jörn. Reflexão sobre os fundamentos e mudança de paradigma na ciência histórica alemã-ocidental. In: NEVES, Abilio Afonso Batea.; GERTZ, René E. (Eds.). *Nova historiografia alemã*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Instituto Goethe, 1987, p. 14–40.

⁷ SADDI, Rafael. Didática da História na Alemanha e no Brasil: considerações sobre o ambiente de surgimento da Neu Geschichtsdidaktik na Alemanha e os desafios da nova Didática da História no Brasil. *Opsis*, v. 14, n. 2, 2014, p. 136.

⁸ SADDI, Rafael. Didática da História na Alemanha e no Brasil: considerações sobre o ambiente de surgimento da Neu Geschichtsdidaktik na Alemanha e os desafios da nova Didática da História no Brasil. *Opsis*, v. 14, n. 2, 2014, p. 136.

⁹ RÜSEN, Jörn. Reflexão sobre os fundamentos e mudança de paradigma na ciência histórica alemã-ocidental. In: NEVES, Abilio Afonso Batea.; GERTZ, René E. (Eds.). *Nova historiografia alemã*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Instituto Goethe, 1987, p. 25.

¹⁰ SADDI, Rafael. Didática da História na Alemanha e no Brasil: considerações sobre o ambiente de surgimento da Neu Geschichtsdidaktik na Alemanha e os desafios da nova Didática da História no Brasil. *Opsis*, v. 14, n. 2, 2014, p. 138.

¹¹ RÜSEN, Jörn. Reflexão sobre os fundamentos e mudança de paradigma na ciência histórica alemã-ocidental. In: NEVES, Abilio Afonso Batea.; GERTZ, René E. (Eds.). *Nova historiografia alemã*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Instituto Goethe, 1987, p. 24.

¹² SADDI, Rafael. Didática da História na Alemanha e no Brasil: considerações sobre o ambiente de surgimento da Neu Geschichtsdidaktik na Alemanha e os desafios da nova Didática da História no Brasil. *Opsis*, v. 14, n. 2, 2014, p. 137.

¹³ SADDI, Rafael. Didática da História na Alemanha e no Brasil: considerações sobre o ambiente de surgimento da Neu Geschichtsdidaktik na Alemanha e os desafios da nova Didática da História no Brasil. *Opsis*, v. 14, n. 2, 2014, p. 137.

¹⁴ SCHMIDT, Maria Auxiliadora. História do ensino de História no Brasil: uma proposta de periodização. *Revista História da Educação*, Porto Alegre, v. 16, n. 37, maio/ago, 2012, p. 85–86.

- ¹⁵ RODRIGUES JUNIOR, Oswaldo. A luta da memória contra o esquecimento: a Reforma do Ensino Médio e os (Des)Caminhos do Ensino de História no Brasil. *Trilhas da História*, Três Lagoas, v. 7, n. 13, jul-dez. 2017, pp. 3-22.
- ¹⁶ TURIM, Rodrigo. Os tempos da independência: entre a história disciplinar e a história como serviço. *Almanack*, Guarulhos, n. 25, 2020, pp. 3-39.
- ¹⁷ ASSIS, Arthur. Alfaix. A didática da história de J. G. Droysen: Constituição e atualidade. *Tempo*, v. 20, p. 1–18, 2014, p. 5.
- ¹⁸ RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da História: fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora da UNB, 2001; RÜSEN, Jörn. *História Viva: Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: Editora da UNB, 2006a.
- ¹⁹ RÜSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. *Práxis Educativa*, v. 1, n. 2, 2006b, p. 7–16.
- ²⁰ RÜSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. *Práxis Educativa*, v. 1, n. 2, 2006b, p. 9.
- ²¹ RÜSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. *Práxis Educativa*, v. 1, n. 2, 2006b, p. 7.
- ²² RÜSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. *Práxis Educativa*, v. 1, n. 2, 2006b, p. 13.
- ²³ SADDI, Rafael. Didática da História na Alemanha e no Brasil: considerações sobre o ambiente de surgimento da Neu Geschichtsdidaktik na Alemanha e os desafios da nova Didática da História no Brasil. *Opsis*, v. 14, n. 2, 2014, p. 138.
- ²⁴ BERGMANN, Klaus. A História na reflexão didática. *Revista Brasileira de História*, v. 9, n. 19, 1990, p. 31.
- ²⁵ FONTAINE, Piet F. M. What is History Didactics? *Informations of the International Society of History Didactics*, v. 7, n. 2, p. 90–102, 1986.
- ²⁶ RÜSEN, Jörn. *História Viva: Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: Editora da UNB, 2006a, p. 94.
- ²⁷ RÜSEN, Jörn. Reflexão sobre os fundamentos e mudança de paradigma na ciência histórica alemã-ocidental. In: NEVES, Abilio Afonso Batea.; GERTZ, René E. (Eds.). *Nova historiografia alemã*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Instituto Goethe, 1987, p. 31.
- ²⁸ STAHER, Gerda Von; JUNG, Hans. Didáctica de la historia y enseñanza de historia en la Alemania unificada. *Conciencia Social*, 1998, p. 133.
- ²⁹ STAHER, Gerda Von; JUNG, Hans. Didáctica de la historia y enseñanza de historia en la Alemania unificada. *Conciencia Social*, 1998, p. 138.
- ³⁰ CERRI, Luis Fernando. Didática da História: uma leitura teórica sobre a História na prática. *Revista de História Regional*, v. 15, n. 2, 2010, p. 277.
- ³¹ CERRI, Luis. Fernando. Os Conceitos De Consciência Histórica E Os Desafios Da Didática Da História. *Revista de História Regional*, v. 6, n. 2, 2001, p. 110.
- ³² CARDOSO, Oldimar. Para uma definição de Didática da História. *Revista Brasileira de História*, v. 28, n. 55, 2008, p. 165.
- ³³ SADDI, Rafael. O parafuso da didática da história: o objeto de pesquisa e o campo de investigação de uma didática da história ampliada. *Acta Scientiarum. Education*, v. 34, n. 2, 2012, p. 215.
- ³⁴ SADDI, Rafael. O parafuso da didática da história: o objeto de pesquisa e o campo de investigação de uma didática da história ampliada. *Acta Scientiarum. Education*, v. 34, n. 2, 2012, p. 217.
- ³⁵ SADDI, Rafael. O parafuso da didática da história: o objeto de pesquisa e o campo de investigação de uma didática da história ampliada. *Acta Scientiarum. Education*, v. 34, n. 2, 2012, p. 215.
- ³⁶ STAHER, Gerda Von; JUNG, Hans. Didáctica de la historia y enseñanza de historia en la Alemania unificada. *Conciencia Social*, 1998, p. 138.
- ³⁷ STAHER, Gerda Von; JUNG, Hans. Didáctica de la historia y enseñanza de historia en la Alemania unificada. *Conciencia Social*, 1998, p. 140.
- ³⁸ RÜSEN, Jörn. O que é Cultura Histórica? Reflexões sobre uma nova maneira de abordar a História. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; MARTINS, Estevão de Rezende (Ed.). *Jörn Rüsen: contribuições para uma Teoria da Didática da História*. Curitiba: W&A Editores, 2016, p. 55.
- ³⁹ RÜSEN, Jörn. O que é Cultura Histórica? Reflexões sobre uma nova maneira de abordar a História. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; MARTINS, Estevão de Rezende. (Ed.). *Jörn Rüsen: contribuições para uma Teoria da Didática da História*. Curitiba: W&A Editores, 2016, p. 59.
- ⁴⁰ RÜSEN, Jörn. Os fundamentos da cultura histórica. In: *Teoria da História: uma teoria da História como ciência*. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2015, p. 219.

- ⁴¹ RÜSEN, Jörn. Os fundamentos da cultura histórica. In: *Teoria da História: uma teoria da História como ciência*. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2015, p. 239-240.
- ⁴² RÜSEN, Jörn. Os fundamentos da cultura histórica. In: *Teoria da História: uma teoria da História como ciência*. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2015, p. 239-240.
- ⁴³ CASTELLS, Manuel. Un mapa de sus interacciones. *Revista TELOS*, n. 77, p. 1-7, 2008.
- ⁴⁴ CASTELLS, Manuel. Un mapa de sus interacciones. *Revista TELOS*, n. 77, 2008, p. 2.
- ⁴⁵ SANTAELLA, Lucia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. *Famecos*, v. 22, 2003, p. 24.
- ⁴⁶ SANTAELLA, Lucia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. *Famecos*, v. 22, 2003, p. 24.
- ⁴⁷ SANTAELLA, Lucia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. *Famecos*, v. 22, 2003, p. 28.
- ⁴⁸ SÁ MARTINO, Luis Mauro. Teoria das mídias digitais. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 9-18.
- ⁴⁹ RÜSEN, Jörn. *História Viva: Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: Editora da UNB, 2006a; RÜSEN, J. Os fundamentos da cultura histórica. In: *Teoria da História: uma teoria da História como ciência*. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2015, p. 217-246; RÜSEN, Jörn. O que é Cultura Histórica? Reflexões sobre uma nova maneira de abordar a História. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; MARTINS, Estevão de Rezende. (Ed.). *Jörn Rüsen: contribuições para uma Teoria da Didática da História*. Curitiba: W&A Editores, 2016, p. 53-82.
- ⁵⁰ MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. *Revista Brasileira de História*, v. 37, n. 74, 2017, p. 141.
- ⁵¹ MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. *Revista Brasileira de História*, v. 37, n. 74, 2017, p. 141.
- ⁵² CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Onde fica a autoridade do historiador no universo digital? In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (orgs.). *Que história pública queremos?* São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 169-180.
- ⁵³ O ranking Top Sites Brazil Alexa é produzido pela Amazon. Disponível em: <https://www.alexa.com/topsites/countries/BR>. Acesso em 10 jul. 2021.
- ⁵⁴ BURGESS, Jean.; GREEN, Joshua. *Youtube e a revolução digital*. São Paulo: Aleph, 2009.
- ⁵⁵ O termo startup é utilizado para delimitar início de funcionamento de uma empresa, geralmente relacionada a inovação, baixo custo de operação e alta lucratividade. Para mais informações ver O que é uma startup? Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/o-que-e-uma-startup,6979b2a178c83410VgnVCM1000003b74010aRCRD> Acesso em 1 de jul. de 2021.
- ⁵⁶ RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da História: fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora da UNB, 2001.
- ⁵⁷ RÜSEN, Jörn. Narrativa histórica: fundamentos, tipos, razão. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (orgs.). *Jörn Rüsen e o ensino de História*. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2010, p. 93-108.
- ⁵⁸ ERA VARGAS: RESUMO PARA O ENEM. Quer que desenhe? por Descomplica. [S.I, s.n], 2018. 1 vídeo (8:34). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TiJbt5RrA-E&t=17s>. Acesso em: 1 de junho de 2021.
- ⁵⁹ RÜSEN, Jörn. Narrativa histórica: fundamentos, tipos, razão. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (orgs.). *Jörn Rüsen e o ensino de História*. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2010, p. 99.
- ⁶⁰ ERA VARGAS: RESUMO PARA O ENEM. Quer que desenhe? por Descomplica. [S.I, s.n], 2018. 1 vídeo (8:34). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TiJbt5RrA-E&t=17s>. Acesso em: 1 de junho de 2021.
- ⁶¹ ORIENTE MÉDIO. Apresentação e Roteiro de Filipe Figueiredo por Nerdologia. [S.I, s.n], 2016. 1 vídeo (14:34). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yAwCFfO1Zv0&t=398s>. Acesso em: 1 de junho de 2021.
- ⁶² ORIENTE MÉDIO. Apresentação e Roteiro de Filipe Figueiredo por Nerdologia. [S.I, s.n], 2016. 1 vídeo (14:34). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yAwCFfO1Zv0&t=398s>. Acesso em: 1 de junho de 2021.
- ⁶³ ORIENTE MÉDIO. Apresentação e Roteiro de Filipe Figueiredo por Nerdologia. [S.I, s.n], 2016. 1 vídeo (14:34). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yAwCFfO1Zv0&t=398s>. Acesso em: 1 de junho de 2021.
- ⁶⁴ RÜSEN, Jörn. Narrativa histórica: fundamentos, tipos, razão. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (orgs.). *Jörn Rüsen e o ensino de História*. Curitiba: Editora da

Universidade Federal do Paraná, 2010, p. 101.

⁶⁵ OLIVEIRA, Felipe Adriano Alves de. *Mídias Sociais, Cultura Pop e Divulgação Científica: um estudo do canal Nerdologia*. Dissertação (Mestrado em Ciência, Sociedade e Tecnologia). Universidade Federal de São Carlos, 2021, p. 122.

⁶⁶ RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da História: fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora da UNB, 2001; RÜSEN, Jörn. *História Viva: Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: Editora da UNB, 2006a; RÜSEN, Jörn. *Narrativa histórica: fundamentos, tipos, razão*. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (orgs.). *Jörn Rüsen e o ensino de História*. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2010, p. 93-101.

⁶⁷ RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da História: fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora da UNB, 2001; RÜSEN, Jörn. *História Viva: Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: Editora da UNB, 2006a; RÜSEN, Jörn. *Narrativa histórica: fundamentos, tipos, razão*. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (orgs.). *Jörn Rüsen e o ensino de História*. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2010, p. 93-101.

Referências

ASSIS, Arthur. Alfaix. A didática da história de J. G. Droysen: Constituição e atualidade. *Tempo*, v. 20, p. 1–18, 2014.

BERGMANN, Klaus. A História na reflexão didática. *Revista Brasileira de História*, v. 9, n. 19, p. 29-42, 1990.

BURGESS, Jean.; GREEN, Joshua. *Youtube e a revolução digital*. São Paulo: Aleph, 2009.

CARDOSO, Oldimar. Para uma definição de Didática da História. *Revista Brasileira de História*, v. 28, n. 55, p. 153–170, 2008.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Onde fica a autoridade do historiador no universo digital? In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (orgs.). *Que história pública queremos?* São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 169-180.

CASTELLS, Manuel. Un mapa de sus interacciones. *Revista TELOS*, n. 77, p. 1–7, 2008.

CERRI, Luis. Fernando. Os Conceitos De Consciência Histórica E Os Desafios Da Didática Da História. *Revista de História Regional*, v. 6, n. 2, p. 93-112, 2001.

CERRI, Luis Fernando. Didáticas da História no século XX: uma reflexão didática na história do Ensino de História no Brasil. In: *IX Encontro Regional de História da ANPUH/PR*. Ponta Grossa, junho de 2004. Disponível em:

<http://www.pr.anpuh.org/resources/anpuhpr/anais/ixencontro/comunicacaocoordenada/Didaticas%20da%20historia%20do%20seculo%20xx/LuisF-Cerri.htm>. Acesso em 06 de abril de 2021.

CERRI, Luis Fernando. Didática da História: uma leitura teórica sobre a História na prática. *Revista de História Regional*, v. 15, n. 2, p. 264-278, 2010.

ERA VARGAS: RESUMO PARA O ENEM. Quer que desenhe? por Descomplica. [S.I, s.n], 2018. 1 vídeo (8:34). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TiJBt5RrA-E&t=17s>. Acesso em: 1 de junho de 2021.

FONTAINE, Piet F. M. What is History Didactics? *Informations of the International Society of History Didactics*, v. 7, n. 2, p. 90–102, 1986.

KOCKA, Jürgen. Tendências e controvérsias recentes na ciência histórica da República Federal Alemã. In: NEVES, Abilio Afonso Batea.; GERTZ, René E. (Eds.). *Nova historiografia alemã*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Instituto Goethe, 1987, p. 41-55.

MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. *Revista Brasileira de História*, v. 37, n. 74, p. 135-154, 2017.

OLIVEIRA, Felipe Adriano Alves de. *Mídias Sociais , Cultura Pop e Divulgação Científica: um estudo do canal Nerdologia*. Dissertação (Mestrado em Ciência, Sociedade e Tecnologia). Universidade Federal de São Carlos, 2021, 136 fls..

ORIENTE MÉDIO. Apresentação e Roteiro de Filipe Figueiredo por Nerdologia. [S.I, s.n], 2016. 1 vídeo (14:34). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yAwCFfO1Zv0&t=398s>. Acesso em: 1 de junho de 2021.

RÜSEN, Jörn. Reflexão sobre os fundamentos e mudança de paradigma na ciência histórica alemã-ocidental. In: NEVES, Abilio Afonso Batea.; GERTZ, René E. (Eds.). *Nova historiografia alemã*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Instituto Goethe, 1987, p. 14–40.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da História: fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora da UNB, 2001.

RÜSEN, Jörn. *História Viva: Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: Editora da UNB, 2006a.

RÜSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. *Práxis Educativa*, v. 1, n. 2, p. 7–16, 2006b.

RÜSEN, Jörn. Narrativa histórica: fundamentos, tipos, razão. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (orgs.). *Jörn Rüsen e o ensino de História*. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2010, p. 93–108.

RÜSEN, Jörn. Os fundamentos da cultura histórica. In: *Teoria da História: uma teoria da História como ciência*. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2015, p. 217–246.

RÜSEN, Jörn. O que é Cultura Histórica? Reflexões sobre uma nova maneira de abordar a História. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; MARTINS, Estevão de Rezende. (Ed.). *Jörn*

Rüsen: contribuições para uma Teoria da Didática da História. Curitiba: W&A Editores, 2016, p. 53-82.

RODRIGUES JUNIOR, Osvaldo. A luta da memória contra o esquecimento: a Reforma do Ensino Médio e os (Des)Caminhos do Ensino de História no Brasil. *Trilhas da História*, Três Lagoas, v. 7, n. 13, jul-dez. 2017, pp. 3-22.

SADDI, Rafael. Didática da história como sub-disciplina da ciência histórica. *História & Ensino*, v. 16, n. 1, p. 61-80, 2010.

SADDI, Rafael. O parafuso da didática da história: o objeto de pesquisa e o campo de investigação de uma didática da história ampliada. *Acta Scientiarum. Education*, v. 34, n. 2, p. 211-220, 2012.

SADDI, Rafael. Didática da História na Alemanha e no Brasil: considerações sobre o ambiente de surgimento da Neu Geschichtsdidaktik na Alemanha e os desafios da nova Didática da História no Brasil. *Opsis*, v. 14, n. 2, p. 133-147, 2014,

SANTAELLA, Lucia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. *Famecos*, v. 22, p. 23-32, 2003.

SÁ MARTINO, Luis Mauro. *Teoria das mídias digitais*. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 9-18.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. História do ensino de História no Brasil: uma proposta de periodização. *Revista História da Educação*, Porto Alegre, v. 16, n. 37, maio/ago, 2012, p. 73-91.

STAHER, Gerda Von; JUNG, Hans. Didáctica de la historia y enseñanza de historia en la Alemania unificada. *Conciencia Social*, p. 133-148, 1998.

TURIM, Rodrigo. Os tempos da independência: entre a história disciplinar e a história como serviço. *Almanack*, Guarulhos, n. 25, 2020, p. 3-39.